

Vegetal, animal e humano nas *Geórgicas* de Virgílio: porosidade de fronteiras e empatia

Human, animal, and plant in Virgil's *Georgics*:
porousness of borders and empathy

Matheus Trevizam

<https://orcid.org/0000-0002-1744-3380> – E-mail: matheustrevizam2000@yahoo.com.br

RESUMO

Neste artigo, comentamos um aspecto específico do poema *Geórgicas*, o qual tem como autor o poeta Públio Virgílio Marão (séc. I a.C.). Assim, percorrendo um a um seus quatro Cantos, procuramos demonstrar que o autor muitas vezes apresenta plantas, animais e homens como seres dotados de traços comuns. Além disso, essa proximidade de ser e sentir permite a manifestação da empatia entre as personagens da obra.

Palavras-chave: *Geórgicas*. Vegetal. Animal. Humano. Porosidade. Empatia.

ABSTRACT

This article discusses a specific aspect of the *Georgics*, poem written by Publius Vergilius Maro in the first century BC. Thus, by going through his four Books one by one, we hope to establish that the author frequently depicts plants, animals, and humans as beings with shared characteristics. Furthermore, the proximity of being and feeling enables for the expression of empathy among the characters in the poem.

Keywords: *Georgics*. Vegetal. Animal. Human. Porosity. Empathy.

O contato com as *Geórgicas*, segunda grande obra do poeta romano Públio Virgílio Marão (70-19 a.C.), é fonte inesgotável de descobertas e releituras, apesar de ser esse poema, já, duas vezes milenar. Também se trata, comparativamente, de um texto virgiliano não tão explorado quanto as *Bucólicas* e, sobretudo, a *Eneida*, justificando-se sempre revisitá-lo. Começamos lembrando em grandes linhas sua delicada tessitura, na qual, de maneira simétrica, dois Cantos “vegetais” precedem outros dois “animais”.

Com efeito, à diferença de Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.), autor dos *Rerum rusticarum libri* III (37 a.C.), Virgílio não concedeu nas *Geórgicas* (29 a.C.) vantagem numérica às subdivisões de sua obra ocupadas da animalidade¹. Assim, enquanto Varrão juntou ao primeiro de seus três diálogos agrários – com conteúdo agrícola – um segundo e um terceiro, cujos temas são (II) a pecuária e (III) a *uilatica pastio* (“criação de pequenos animais na sede da propriedade rural”), o poeta de Mântua, após dedicar o Canto inicial das *Geórgicas* à cerealicultura, *continuou-o* com uma sequência arbórea (Canto II) e *complementou-o* com mais dois, atinentes à pecuária (III) e à apicultura (IV).

A harmonia dessa divisão temática, em princípio, bipartida das *Geórgicas* não deve fazer-nos esquecer de que falta citar, no mínimo, mais um elemento para a constituição do tripé em torno do qual Virgílio estruturou a maquinaria cósmica nesta sua obra. Referimo-nos, evidentemente, ao homem, sem cujos saberes, trabalho e valores a terra jamais poderia diferenciar-se dos limites da mera natureza, vindo a ganhar contornos de uma zona moldada no âmbito da cultura.

Semelhante participação humana se patenteia já nos versos iniciais do poema inteiro, quando, na *propositio* identificada com *Geórgicas* I, 1-4, evidencia-se, além do fazer do próprio escritor que compõe a obra, o do *agricola* (“agricultor”) responsável pelos cultivos e pelo trato com os animais rústicos:

O que torna as searas férteis, em que altura do ano convém,
ó Mecenas, *lavrar a terra e atar as videiras aos ulmeiros,*
qual o cuidado a ter com os bois, qual a atenção a dar
ao rebanho, a competência para criar as parcas abelhas,
agora começarei a cantá-lo [...]².

Abrimos parênteses para comentar, aqui, que esse *agricola* dedicado às plantas e animais no poema didático de Virgílio não é uma personagem qualquer, mas antes uma espécie de figura de destaque na sociedade romana tradicional. Esclarece Kolendo (1992, p. 169) que o termo indica, no latim, o indivíduo em “contato direto com a terra”, tanto podendo designar o camponês que trabalha seu lote quanto o rico proprietário fundiário, amiúde auxiliado por muitos escravos e encarregados no cultivo. Inexistindo, nessa obra, quaisquer referências a um encarregado como o *uilicus* – ou “administrador” da fazenda –,³ também não se dá destaque

¹ O motivo de trazermos os diálogos agrários de Varrão para esta comparação sumária com as *Geórgicas* diz respeito a que, como é sabido, eles constituíram importante referencial de conteúdos técnicos e, inclusive, composição para o poema didático de Virgílio. Veja-se comentário de R. F. Thomas *apud* Virgil (1988 [1994], p. 11).

² Virgílio, em *Geórgicas* I, 1-5 (grifo nosso): “*Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram/ uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis/ conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo/ sit pecori, apibus quanta experientia parcis,/ hinc canere incipiam*”. A tradução é de Gabriel A. F. Silva, como todas no artigo (exceto avisos em contrário).

³ Com a mudança dos rumos econômicos na agricultura itálica (séc. III-II a.C.) e a passagem de um modo produtivo de consumo local para outro em larga escala, tendo em mira as exportações, os grandes proprietários de terras romanos passaram a empregar maciçamente a mão-de-obra escrava em cultivos de oliveiras e videiras (KOLENDO, 1992, p. 175). Também, ao dirigir-se para a vida urbana, muitas vezes delegaram a administração das terras a um *uilicus*, podendo ele ser um indivíduo escravizado, mas dotado de certa instrução.

nela aos escravos (McCARTHY, 2020, p. 44), como se os trabalhos rurais sempre fossem tarefa de homens livres, na ficção virgiliana.

Quanto a *colonus* ("colono"), que se emprega em *Geórgicas* I, 299, também se vincula ao radical do verbo *colo* ("cultivar") e corresponde ora a um membro da aristocracia senatorial e equestre (CÍCERO, *De oratore* II, 287), ora ao ocupante de uma *colonia* ("colônia"), ora a simples sinônimo de *agricola*, ora ao camponês arrendatário. Embora, no contexto aludido, o termo em pauta pareça sobretudo apresentar sinonímia com *agricola*, esclarecemos que as "colônias" foram áreas belicamente conquistadas por Roma, nas quais lotes de terra se concederam a "colonos"/indivíduos vinculados à Cidade (KOLENDO, 1992, p. 169), como forma de garantir a ocupação territorial.

De qualquer modo, segundo pretenderemos mostrar ao longo desta exposição, o poeta das *Geórgicas* desafia quaisquer divisões muito estanques entre os três grandes "protagonistas" da obra – plantas, animais e seres humanos –, por vezes aproximando suas formas, modos de existir e experiências. A isso podemos acrescentar que, no tocante ao homem como delineado nos versos do poema, tal proximidade com seres de outra(s) natureza(s) eventualmente favorece a empatia, no sentido de um compartilhamento do sentir ou da quase equiparação de afetos⁴.

Canto I

Em *Geórgicas* I,1, um elemento constantemente encontrável na obra – ou seja, a possível permeabilidade de fronteiras entre seres humanos e não humanos – já deixa suas marcas. Mencionamos, aqui, o emprego da expressão *laetas segetes* ("searas férteis", mas ainda "searas alegres"). Explicam Ernout e Meillet (2001, p. 337) que o adjetivo em pauta de início pertenceu à linguagem agrária, com o significado de "fértil" ou "rico". Contudo, com sua passagem do registro especializado ao comum da linguagem, passou a dar ideia de algo (ou alguém) "com aspecto agradável", "risonho" ou mesmo "alegre".

Efeito semelhante achamos em v. 154, pois ali se fala que "*grassam o estéril joio e as hastes da palha infecunda*" (*infelix lolium et steriles dominantur auenae*). Primeiro, porque o adjetivo em destaque passou por percurso semelhante ao de *laetus*, -a, -um, na língua latina. Para Ernout e Meillet (2001, p. 224), *(in)felix* se insere no vocabulário da agricultura, tendo tido, em princípio, sentido de "(in)fecundo" e, depois, o de "(des)favorecido pelos deuses" ou "(in)feliz" (aplicável, assim, inclusive aos homens). Além disso, o verbo *dominor* ("ser senhor de", "dominar", "reinar" etc.) está vinculado ao radical de *dominus* ("senhor", "mestre"), embora se aplique, no contexto, a simples joios e palhas.

O mesmo Canto das *Geórgicas* ainda estabelece, de certa maneira, algumas bases de pensamento que se manterão ao longo do poema inteiro. A mais importante delas diz respeito aos alicerces míticos referentes ao final dos reinos de Saturno e início dos de Júpiter (evento similar, na mitologia grega, ao término da Idade Áurea). O relato correspondente a este ponto da trajetória humana se encontra esboçado em uma digressão conhecida como "Teodiceia do trabalho", situada entre v. 118-159.

Ali, Virgílio explica que nem sempre a sobrevivência de nossa espécie foi tão árdua quanto no presente: em pleno mundo natural, um dia, a própria terra espontaneamente produzia de

⁴ De acordo com Houaiss e Villar (2009, p. 740): "empatia [...]: capacidade de se identificar com outra pessoa, de querer o que ela quer, de aprender do modo como ela aprende, etc."

tudo (v. 127-128); méis gotejavam de folhas (v. 131); vinho corria espontaneamente em rios (v. 132). Além disso, não havia serpentes venenosas (v. 129), lobos predadores (v. 130) nem a necessidade de singrar os mares (v. 130), cultivar o trigo (v. 134) ou extrair o fogo do sílex (v. 135).

Devido à Providência de Júpiter, entretanto – que desejava libertar a espécie humana de uma eterna infância e letargia, aguilhoando-a sob a necessidade –, cessou a prodigalidade natural do mundo e vieram as dificuldades, levando à descoberta das técnicas: agricultura, navegação, astronomia (v. 137-138), caça e pesca (v. 139-142), metalurgia (v. 143-144). Outra consequência do fim dessa Idade Áurea foi a dureza do trabalho – “o **trabalho insaciável** tudo ocupou” (*labor omnia uicit/ improbus*, v. 145-146) –, com o impulso humano de tentar o controle sobre um meio, agora, hostil.

É possível divisar as tentativas humanas de “controle” da natureza, por exemplo, nos preceitos deste Canto que se voltam à observância de alguns sinais indicadores, ou não, de boa colheita. Assim, ensina o poeta em v. 187-192, caso “a noqueira nos bosques se **revestir**/ ricamente de flores e curvar os seus ramos de agradável perfume” (v. 187-188)⁵, as colheitas de cereais também serão abundantes. Mas, caso excederem as sombras das folhagens, a “eira malhará o cereal, rico apenas em palha” (*nequiquam pinguis palea teret area culmos*, v. 192).

Justamente, alguma antropomorfização das plantas de novo se verifica aqui na medida em que o verbo empregado para dizer “revestir” (*induet*) é o mesmo em uso no latim para indicar o gesto de os seres humanos porem roupas, ou adereços sobre si. De maneira aproximada, mas passível inclusive de favorecer a conexão entre as plantas e os animais, Virgílio menciona a “murta **cor de sangue**” (*cruenta que myrta*, v. 306) e a possibilidade da perda dos “cereais de **leitosa** seiva”, ou seja, maduros, quando se abatem chuvas de outono imprevistas nos campos (*frumenta... lactentia*, v. 315); também se fala, no mesmo contexto, do risco de os vendavais arrancarem as “searas **prenhes**” (*gravidam segetem*, v. 319).

No tocante à(s) bagas de) murta, lembramos que se faz, em v. 306, provável alusão a um mito etiológico sobre a origem da planta. Assim, *Myrsine* (ou *Mursine*) era uma jovem natural da Ática, bela e incrivelmente dotada de habilidades atléticas. Isso despertou os ciúmes de suas rivais e fez com que fosse assassinada por elas. Apiedando-se da moça, a deusa Atena salvou-a da morte, metamorfoseando-a na planta de nome *myrtus* em latim. Ora, como se menciona no mesmo verso a *olea* (“oliveira”), árvore consagrada a Atena, parece que surge a possibilidade de pensar, aqui, nesta evocação mítica peculiar, bem como no passado humano da murta⁶.

Tais ocorrências metonímicas, mítica e outras, sem esgotar em absoluto os trechos de porosidade entre domínios distintos do Cosmos neste Canto inicial das *Geórgicas*, já apontam, no poema, para certa tendência de Virgílio a “animar” os vegetais com traços de seres biologicamente mais complexos. Em pontos subsequentes da obra, além da antropomorfização ou animalização das plantas, os animais serão eventualmente aproximados dos homens e vice-versa.

Canto II

No segundo Canto do poema, Virgílio focaliza tematicamente as plantas associadas a uma natureza lenhosa ou arbórea, tais como as oliveiras e, sobretudo, as vinhas. Por esse mo-

⁵ Virgílio, *Geórgicas* I, 187-188: “[...] cum se nux plurima siluis/ *induet* in florem et ramos curuabit olentis”.

⁶ Em outra versão do mito, Myrrhine fora certa sacerdotisa virgem de Afrodite. Quando um homem desejou tomá-la em casamento, Afrodite matou-o e transformou-a em murta (planta sagrada para a deusa). Veja-se verbete “Myrtle” do *Dictionary of Classical Mythology*. Disponível em: <http://mythandreligion.upatras.gr/english/m-r-wright-a-dictionary-of-classical-mythology/>. Acesso em: 12.fev.2024.

tivo, já no pequeno proêmio desse Canto (v. 1-8) ocorre a invocação a Baco/Leneu, bem como há referência a um de seus dons – o próprio vinho (v. 6) – e à explicação sobre as origens do teatro nos festivais de Dioniso da Grécia Antiga (“tirando os coturnos,/ tinge comigo as pernas nuas com o novo mosto”)⁷.

De maneira mais ou menos contrastiva, ainda, embora tivessem sido enfatizadas no Canto anterior as penas e imprevistos do *labor* humano (realidade irrefutável sob os reinos de Júpiter, ou na Idade Férrea), o poeta menciona no Canto II, além da exuberância e “festividade” das parreiras e seus frutos, a possibilidade de que se encontrem plantas de crescimento espontâneo (embora estéril, v. 47-48). Semelhante “otimismo” da visão virgiliana a respeito do cultivo, especificamente, arbóreo não deve fazer esquecer de faces menos risonhas da lida agrícola ainda nesta seção das *Geórgicas*.

Veja-se, por exemplo, o que se diz em v. 61-62, sobre o fato de “todas (as plantas) requerem o nosso trabalho e todas terem de ser/ reunidas dentro de um rego e **amansadas** com muito custo”⁸. Ora, pelo emprego do gerundivo *domandae*, com aplicação às plantas de cultivo agrícola, tem-se um uso lexical preferencialmente aplicável aos animais, como vemos em *Geórgicas* III, 89 (“tal era a natureza de Cílaro, **domado** pelas correias de Pólux”)⁹.

Além da questão da dificuldade do cultivo de várias plantas, também se coloca o aspecto, no mesmo Canto II, dos limites da intervenção do *agricola* (“agricultor”) sobre o mundo natural: veja-se, a propósito, a abordagem da técnica do enxerto arbóreo, tal como desenvolvida por Virgílio em v. 73-82. Não se trata, absolutamente, de um procedimento reprodutivo pouco usual na fruticultura do passado e de hoje – como o atesta, em Roma Antiga, a tematização dessa técnica em sucessivos tratados agrícolas dos latinos (e.g. PALÁDIO, *Opus agriculturae* XV).

No entanto, a grande disparidade entre as espécies cujas sugestões de enxerto vinham sendo referidas poucos versos antes (como castanheiras e faias, freixos-silvestres e pereiras, ou carvalhos e ulmeiros) levou os estudiosos a questionar a validade prática desses preceitos (ROSS, 1987, p. 105) e o poeta a sinalizar, para as próprias árvores, certo tipo de reação antropomorfizada de *surpresa* (v. 82):

Nem o modo de estaquia e de enxertar a gema é um só.
Pois onde as gemas rebentam no meio da casca
e rompem as suas **leves túnicas**, uma estreita prega
surge no próprio nó. Aqui inserem a gema de uma árvore
diferente e ensinam-na a desenvolver-se na entrecasca úmida.
Ou então, de modo diverso, cortam-se os troncos sem nós e
com Cunhas fende-se profundamente um caminho no tronco.
De seguida, introduzem-se hastes férteis. Não muito depois, brota
uma árvore enorme em direção ao céu com **ramos frutíferos**
e pasma-se das novas folhas e dos novos frutos que não são seus¹⁰.

Antes, contudo, do fecho de tal seção temática em nexos específicos com a técnica focada, mais elementos vinham apontando para a possibilidade de que se abrissem pontos de passagem entre os planos vegetal e humano. Então, como se nota em v. 75, o poeta empregara o

⁷ Virgílio, *Geórgicas* II, 7-8: “[...] *nudataque musto/ tinge nouo mecum dereptis crura coturnis*”.

⁸ Virgílio, *Geórgicas* II, 61-62: “[...] *et omnes/ cogendae in sulcum ac multa mercede domandae*”.

⁹ Virgílio, *Geórgicas* III, 89: “*talis Amyclaei domitus Pollucis habenis*”.

¹⁰ Virgílio, *Geórgicas* II, 73-82: “*Nec modus inserere atque oculos imponere simplex./ Nam qua se medio trudunt de cortice gemmae/ et tenuis rumpunt tunicas, angustus in ipso/ fit nodo sinus: huc aliena ex arbore germen/ includunt udoque docent inolescere libro./ Aut rursus enodes trunci reseantur, et alte/ finditur in solidum cuneis uia, deinde feraces/ plantae immittuntur: nec longum tempus, et ingens/ exiit ad caelum ramis felicibus arbos,/ mirataque nouas frondes et non sua poma*”.

termo *tunicas* (“**túnicas**”) a fim de designar a membrana de revestimento dos troncos, sendo ele, em princípio, o nome de uma vestimenta humana caracterizada pelo formato retangular do corte do tecido e pela versatilidade de uso (ERNOUT; MEILLET, 2001, p. 707). Em v. 81, por sua vez, ressurgem o adjetivo *felix* e seu efeito “antropomorfizante”, tal como se dera em *Geórgicas* I, 154.

Na sequência desse ponto, Virgílio, sempre no Canto II (v. 118-121), animaliza as plantas citando “as resinas **que suam** (*sudantia*) da odorante/ madeira”, os “bosques dos etíopes, brancos do **suave algodão/lã**” (*molli... lana*) e “como os chineses penteiam **velos delicados** de folhas” (*uelleraque... tenuia*, trad. nossa). Assim, inúmeros animais manifestam o fenômeno fisiológico do gotejamento de suor; produzir “lãs” – embora o termo também designe o “algodão” em latim (PALÁDIO, *Opus agriculturae*, livro XIV, 3, 4) – cabe, em princípio, a ovelhas; e “velos”, ou “pelos”, têm vários animais, não tanto as folhas.

Duas vezes mais, pelo menos, nota-se forte antropomorfização das plantas no Canto II das *Geórgicas*: em v. 279-283, após indagar se é melhor o cultivo das vinhas sobre planícies ou colinas, Virgílio recomenda, no primeiro caso, que elas se plantem cerradamente; no segundo, de modo mais espaçado, mas sempre mantendo o rigor geométrico das fileiras. Essa última observação dá ensejo a que ele empregue um símile épico, o qual aproxima o alinhamento de tais plantas daquele das legiões de um exército em campo de batalha¹¹.

R. A. B. Mynors, comentador da edição de Oxford das *Geórgicas* (VIRGIL, 2003, p. 136), lembra-se de que tal pormenor estilístico assume contornos não apenas épicos, mas propriamente homéricos:

282-3. aere renidenti: o brilho é homérico: *Il. 20.362 gélasse dè pâsa perì khthòn/ khalkoù hypò steropês*, *Lucr. 2.323-6 ‘fulgor ubi ad caelum se tollit totaque circum/ aere renidescit Tellus’, Curtius 4.13.2 ‘armorum internitentium fulgor etc.’ errat: usado, como em Cícero, para pessoas e opiniões que não estão erradas, mas indecisas. ‘*Mars dubius*’ é o *xynòs Enyálios* de *Il. 18.309*¹².*

Por fim, entre v. 362-370, o poeta descreve antropozoomorficamente as diferenças de tratamento para com a vinha, conforme sua idade: dessa maneira, “logo que **crece** com novas folhagens a primeira idade,/ debes preservar os rebentos. E enquanto o sarmento se ergue/ para os ares, abundante, **lançando as rédeas** pelo céu claro,/ não debes ainda atacar a própria videira [...]”¹³. Mas, “quando as vinhas despontarem e **se abraçarem** aos ulmeiros/ com sarmentos robustos, então **poda a folhagem**,¹⁴ então **apara**¹⁵ **as varas**”¹⁶.

¹¹ Virgílio, *Geórgicas* II, 279-283: “*Vt saepe ingenti bello cum longa cohortis/ explicuit legio et campo stetit agmen aperto,/ derectaeque acies ac late fluctuat omnis/ aere renidenti tellus, necdum horrida miscent/ proelia, sed dubius mediis Mars errat in armis*” – “Como sucede tantas vezes quando, numa guerra ingente, uma legião/ formou desdobrando as coortes e em campo aberto parou a coluna,/ com as formações em linhas rectas (*sic*). E até ao longo toda a terra/ ondula de bronze reluzente, antes até de começar a horrível batalha,/ e já Marte deambula em dúvida pelo meio dos exércitos”.

¹² **282-3. aere renidenti:** “the glitter is Homeric: *Il. 20.362 gélasse dè pâsa perì khthòn/ khalkoù hypò steropês*, *Lucr. 2.323-6 ‘fulgor ubi ad caelum se tollit totaque circum/ aere renidescit tellus’, Curtius 4.13.2 ‘armorum internitentium fulgor etc.’ errat: used, as in Cicero, of people and opinions which are not wrong but undecided. ‘*Mars dubius*’ is the *xynòs Enyálios* of *Il. 18.309*” (trad. nossa).*

¹³ Virgílio, *Geórgicas* II, 362-365: “*Ac dum prima nouis adolescit frondibus aetas,/ parcendum teneris, et dum se laetus ad auras/ palmas agit laxis per purum immissus habenis,/ ipsa acie nondum falcis temptanda*”.

¹⁴ E. de Saint-Denis, tradutor da edição Les Belles Lettres das *Geórgicas*, emprega “émonde **leur chevelure**” (VIRGILE, 1998, p. 63).

¹⁵ O mesmo Saint-Denis emprega “ampute **leurs bras**” (VIRGILE, 1998, p. 63).

¹⁶ Virgílio, *Geórgicas* II, 367-368: “*Inde ubi iam ualidis amplexae stirpibus ulmos/ exierint, tum stringe comas, tum brachia tonde*”.

Canto III

No Canto III, aparentemente estruturado com a mesma placidez e equilíbrio Clássicos habituais nas *Geórgicas* – havendo, depois do proêmio inicial, desenvolvimentos sobre equinos e bois; depois do “segundo proêmio” do mesmo Canto (v. 284-294), a abordagem dos caprinos e ovelhas –, dois avassaladores turbilhões se encontram à espreita dos animais (selvagens e domésticos) e do homem. Referimo-nos ao *Amor* (“desejo”) e à *Pestis*, tal como imaginada pelo poeta e tendo por cenário a província transalpina do *Noricum*.

Os descontroles do desejo, pode-se dizer, são introduzidos pela vinheta da disputa amorosa entre dois bois por causa de uma novilha da “grande floresta de Sila” (v. 219), região da Calábria. Na introdução à passagem, ou até em seu curso, tanto a fêmea quanto os bois assumem contornos certamente humanos:

Porém, a visão da fêmea enfraquece-os pouco a pouco e abrasa-os. E ela, com seus doces **encantos**,¹⁷ não permite que se lembrem dos campos nem das ervas. Muitas vezes força **amantes orgulhosos** a decidirem entre si com os cornos¹⁸.

Não é costume os combatentes partilharem o mesmo estábulo. Assim, aquele, vencido, afasta-se e **exilado vive** em margens desconhecidas [...]¹⁹.

Depois, quando recuperou a robustez e as forças estão refeitas, **sacode as insígnias** (*signa mouet*) e corre, investindo contra o inimigo incauto [...]²⁰.

Os excertos dados permitem divisar que, em espécie de reprodução do esquema amoroso basicamente encontrável no gênero da elegia erótica romana (GAILLARD; MARTIN, 1990, p. 264ss.), o encantamento do macho por essa novilha prenuncia tempestades. Ou seja, ela de pronto o atrai, pela aparência inclusive, mas ele não está só em seu interesse e na postura altiva, ao cogitar semelhante “relacionamento”. Assim, com a chegada do rival em seu caminho, instaura-se um conflito que chega à luta física entre ambos, com a conseqüente derrota momentânea do primeiro interessado e seu (auto)exílio à distância (v. 225), até a hora da revanche (v. 236) e virada plena do jogo.

Em seguida, ecoando um verso famoso das *Bucólicas*²¹, Virgílio observa que

[...] na verdade, todas as espécies da terra, quer homens, quer animais, e as espécies de seres aquáticos, e o gado e os pássaros coloridos desabam nesta fúria e neste fogo. **O desejo é o mesmo para todos**²².

¹⁷ Cecílio, *Comédias* 234-236 (apud VIRGIL 1988 [1997], p. 81, tradução nossa): “*Istam in uicinitatem te meretriciam/ cur contulisti? Cur illecebris cognitis/ non... refugisti?*” – “Por que te trouxeste a esta zona/ de meretrício? Por que não te afastaste dos óbvios... encantamentos?”.

¹⁸ Virgílio, *Geórgicas* III, 215-218: “*Carpit enim uiris paulatim uritque uidendo/ femina nec nemorum patitur meminisse nec herbae/ dulcibus illa quidem illecebris et saepe superbos/ cornibus inter se subigit decernere amantis*”.

¹⁹ Virgílio, *Geórgicas* III, 224-225: “*Nec mos bellantis una stabulare, sed alter/ uictus abit longeque ignotis exulat oris* [...]”.

²⁰ Virgílio, *Geórgicas* III, 235-236: “*Post, ubi collectum robur uiresque refectae,/ signa mouet praecepsque oblitum fertur in hostem* [...]”.

²¹ Virgílio, *Bucólicas* X, 69 (tradução nossa): “**Omnia uincit Amor; et nos cedamus Amori.** – “**O desejo a tudo vence;** até nós cedamos ao desejo”. Nessa écloga, a frase é dita por Cornélio Galo, personagem de poeta elegíaco que chora as dores de ter sido abandonado pela amada Licóris, depois de ela o trocar por um rival e soldado.

²² Virgílio, *Geórgicas* III, 242-244: “*Omne adeo genus in terris hominumque ferarumque/ et genus aequoreum, pecudes pictaeque uolucres,/ in furias ignemque ruont: amor omnibus idem*”.

Para todos, leas, javalis, tigres, cavalos, porcos e um inominado **jovem** (*iuuenis*), “a quem um cruel amor agita nos ossos” (*cui uersat in ossibus [...] durus amor*, v. 258)²³. Lembramos, a propósito, que o termo *iuuenis* designa indiferentemente, nas *Geórgicas*, seres humanos (I, 500) ou animais (III, 165), explicando que se trata, no contexto do terceiro Canto, de Leandro, amante da sacerdotisa Hero no mito grego. Ele, assim, muito desejoso de unir-se à amada, não evitou a travessia a nado do Helesponto em noite de tempestade, e morreu afogado (VIRGIL, 2003, p. 222-223).

O trecho mais empático da obra toda, no entanto, parece-nos aquele em que o boi, companheiro dos trabalhos humanos – em *Geórgicas* I, por sinal, ele fora o primeiro ser focalizado em labuta no início da primavera²⁴ – e modelo de frugalidade aproximável do próprio *agricola* nesta obra (II, 513ss.), sucumbe sob os males da Peste do *Noricum*:

Eis, porém, que cai um touro, fumegante sob o duro arado.
Da boca expele sangue misturado com espuma
e lança os derradeiros gemidos. **Desolado vai o lavrador
separando o bezerro que deplora a morte do irmão,**
e a meio da tarefa abandona o arado cravado no chão. [...] Qual o proveito do labor e das boas ações? Para quê ter revirado as terras pesadas com o arado? E, todavia, não foram os mássicos dons de Baco nem as repetidas refeições que lhe causaram dano²⁵.

No âmbito do enfrentamento da Peste – mais um dos males advindos ao mundo com o final dos reinos de Saturno, com certeza –, não podem salvar os homens seus esforços nem as artes médicas de Quíron e Melampo (v. 550) e, por vezes, sucumbem em meio a chagas os próprios pastores que se vestiram com a pele dos animais mortos pela doença (v. 563-566). Como derradeira curiosidade deste canto, valeria a pena lembrar que a ultrapassagem de fronteiras entre humano e animal, no fim, ainda se dá porque Quíron, filho do deus Saturno – certa vez metamorfoseado em cavalo – e da oceânide Filira, era um centauro, ou seja, misto de equino e humano (GRIMAL, 1963, p. 90).

Canto IV

Fechando brevemente este artigo, lembramos de que o Canto IV das *Geórgicas* é votado não só às abelhas, com seus traços naturais e “produtivos”, mas ainda ao relato entrelaçado sobre os mitos de Aristeu e Orfeu (v. 315ss.). No tocante às abelhas, embora aspectos como sua face “política” – contam com “reis” e organização social complexa – tenham sido mencionados por pensadores do peso de Platão (*Politeia* 520b) e Cícero²⁶, abrindo caminho para leituras ale-

²³ Virgílio, *Geórgicas*

²⁴ Virgílio, *Geórgicas* I, 42-46: “*Vere nouo, gelidus canis cum montibus umor/ liquitur et Zephyro putris se glaeba resoluit,/ depresso incipiat iam tum mihi taurus aratro/ ingemere, et sulco adtritrus splendescere uomere*” – “Quando chega a Primavera e nos altos montes a água gelada/ se derrete e os torrões de terra se esboroam, soltos pelo Zéfiro,/ **que logo então o touro comece a gemer** sob o arado na terra/ enterrado e que a relha resplandeça polida pela leira”.

²⁵ Virgílio, *Geórgicas* III, 515-522: “*Ecce autem duro fumans sub uomere taurus/ concidit et mixtum spumis uomit ore cruorem/ extremosque ciet gemitus. It tristis arator/ maerentem abiungens fraterna morte iuuenicum/ atque opere in medio defixa reliquit aratra./ Non umbrae altorum nemorum, non mollia possunt/ prata mouere animum, non qui per saxa uolutus/ purior electro campum petit amnis; at ima/ soluontur latera, atque oculos stupor urget inertis/ ad terramque fluit deuexo pondere ceruix./ Quid labor aut benefacta iuuant? Quid uomere terras/ inuertisse grauis? Atqui non Massica Bacchi/ munera, non illis epulae nocuere repostae*”.

²⁶ (ARENA, 2007, p. 50, tradução nossa): “Ten years later, in the *De officiis*, Cicero again shifted his focus, presenting a varied picture which, at times, appears almost incoherent. On the one hand, he compares men to bees and claims that they live in groups due to their natural gregariousness (2.157-8)” – “Dez anos depois, no *De officiis*, Cícero mudou novamente o foco, apresentando um

górgicas da colmeia como “imagem” de certos grupos humanos, não é demasiado lembrar que semelhanças e diferenças nos relacionam a esses animais.

Semelhantemente ao homem da Idade Férrea, assim, as abelhas devem ser muito laboriosas, habitam em “moradas” (*sedes*, v. 8 – trad. minha); deslocam-se sobre “pontes cerradas” (*pontibus... crebris*, v. 27); “escavaram/ seu lar sob a terra, em buracos” (*latebris/ sub terra fouere larem*, v. 443 – trad. minha) ou mesmo “saem à luta” (*ad pugnam exierint*, v. 67 – trad. minha), dividem-se em camadas sociais bem diferentes (“como são dois os aspectos dos reis, assim os corpos da plebe” – *ut binae regum facies, ita corpora plebis*, v. 95 – trad. minha), recebem denominação de “Quirites”/cidadãos (*Quirites*, v. 201), etc.

Mas, por outro lado, como “elas mesmas recolhem os filhos das flores e das ervas/ tenras com a boca” (*ipsae e foliis natos e suauibus herbis/ ore legunt*, v. 200-201), furtam-se irremediavelmente, em plena castidade, ao destino dos outros seres, conforme traçado inclusive em *Geórgicas* III; também parecem insensíveis, em sua crua praticidade, aos encantos da arte, da poesia e da música:

Virgílio não queria conectar suas abelhas, por mais inspiradas que fossem, com a poesia ou a música. Elas exibem em abundância grandes virtudes, mas não são poéticas e estão livres das dores e prazeres agrídoces do amor (*Buc.* 3.110; *G.* 4.198 ss.). Nos dois aspectos contrastam claramente com Orfeu, o fabuloso cantor que morre de amor (e que, neste poema, nunca é mostrado realizando qualquer trabalho ou tendo qualquer outra função diversa do canto). As virtudes que exibem são de fato aquelas do velho povo romano; mas também o são as suas deficiências. Roma, grande nos *mores antiqui*, não era o lar das artes, na opinião dos augustanos²⁷.

O mesmo, no domínio amoroso ou naquele da sensibilidade para com a dor alheia (e a poesia), não poderia ser dito de outras personagens das *Geórgicas* IV. Orfeu e (momentaneamente) Aristeu (v. 457), assim, foram ambos arrebatados pelos encantos de Eurídice, enquanto “as cidadelas do Ródope, e a alta montanha Pangeu e a terra de Marte, e Reso, e os Getas e o Hebro e a jovem Oritia de Acte” (... *Rhodopeiae arces/ altaque Pangaea et Rhesi Mauortia tellus/ atque Getae atque Hebrus et Actias Orithyia* – v. 461-463) choraram, com o coro das Dríades, a morte prematura dessa mulher.

Paradoxalmente, ainda, as Eumênides “de azuladas cobras/ entrançadas nos cabelos” (*caeruleosque implexae crinibus angues*, v. 482) se espantaram com a beleza do canto órfico durante a descida desse poeta aos Infernos, em busca da desejada Eurídice, e também “Cérbero, boquiaberto, conteve/ as suas três bocas” (*tenuitque inhians tria Cerberus ora*, v. 483) diante de tão harmonioso canto. Sequer os “tigres” (*tigres*, v. 510) e os “carvalhos” (*quercus*, v. 510), enfim, se furtaram a ser “amansados” ou “arrastados” pela mesma música.

No tocante às Eumênides – mais comumente ditas “Fúrias”, no mundo latino – eram três demônios femininos de nome Alecto, Tisífone e Megera, responsáveis pela punição implacável, em vida ou morte, aos criminosos (GRIMAL, 1963, p. 146). Cérbero era o mítico cão de três cabeças que guardava com garras e dentes o portal dos Infernos, a fim de evitar a entrada dos vivos e, sobretudo, a fuga das almas. Até Prosérpina, deusa e rainha do Hades – embora não

quadro variado que, por vezes, parece quase incoerente. Por um lado, compara os homens às abelhas e afirma que estes vivem em grupos devido ao seu caráter gregário natural (2.157-8)”.

²⁷ Griffin (1979, p. 64-65, tradução nossa): “Virgil did not want to connect his bees, inspired though they are, with poetry or song. They exhibit many great virtues, but they are not poetical, and they are free from the bitter-sweet pains and pleasures of love (*Buc.* 3.110; *G.* 4.198 ff.). In both they contrast clearly with Orpheus, the fabulous singer who dies for love (and who in this poem is never shown as doing any work or having any other function than song). The virtues they exhibit are indeed the virtues of the old Roman people; but so are their deficiencies. Rome, great in *mores antiqui*, was not a home of the arts, in the view of the Augustans”.

fosse dotada de corpo monstruoso ou híbrido, “apenas” da usual dureza da posição –, comoveu-se uma vez com aquele canto inaudito (v. 487), provando-se novamente seu caráter universal.

Conclusão

O exame, mesmo sucinto, de dados textuais diretamente extraídos das *Geórgicas* permitiu-nos até aqui notar que Virgílio, na obra considerada, referiu-se a traços morfológicos ou “psíquicos” das plantas com alusão aos de seres superiores; aproximou vegetais e/ou abelhas de usos da cultura humana (vestimenta, moradia, instituições políticas etc.); igualou as experiências do desejo e da Peste para todos os viventes, no Canto III; fez com que até monstros animalizados e árvores se comovessem com a beleza do canto órfico, etc.

Qual será o significado, nas *Geórgicas*, de tantas intersecções entre os âmbitos vegetal, animal e humano? E da eventual possibilidade da partilha de sentimentos entre seres pertencentes a cada um deles? Talvez possamos pensar que se abre, nesta obra, a possibilidade de refletirmos sobre as frágeis fronteiras que nos definem como seres humanos, bem como sobre os elos que nos ligam a um todo muito mais complexo que nossas meras obras e existência.

Referências

- ARENA, V. *Libertas and Virtus of the Citizen in Cicero's De Republica. Scripta Classica Israelica*, Tel Aviv, vol. XXVI, 2007, p. 39-66.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 4. édition. Paris: Klincksieck, 2001.
- GAILLARD, J.; MARTIN, R. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan; Scodel, 1990.
- GRIFFIN, J. The Fourth *Georgic*, Virgil and Rome. *Greece and Rome*, Cambridge, v. 26, n. 1, apr./1979, p. 61-80.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: P.U.F., 1963.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KOLENDO, J. O camponês. Em: GIARDINA, A. (Org.). *O homem romano*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1992. p. 169-178.
- McKARTHY, D. *Slavery and the Roman imagination: images of servility in the Georgics and the Confessions*. 2020. Tese. 94 f. (Doutorado em História) – Department of History and Classical Studies, McGill University, Montreal, 2020.
- PALADIO. *Tratado de agricultura; Medicina veterinaria; Poema de los injertos*. Trad., introducción y notas de Ana María Moure Casas. Madrid: Gredos, 1990.
- ROSS JR., D. O. *Virgil's elements: physics and poetry in the Georgics*. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- Verbetes “Myrtle” do *Dictionary of Classical Mythology*. Disponível em: <http://mythandreligion.upatras.gr/english/m-r-wright-a-dictionary-of-classical-mythology/>. Acesso em: 12.fev.2024.

VIRGIL. *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University Press, 2003.

VIRGIL. *Georgics*: volume I — books 1-2. Edited by Richard F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1988 [1994].

VIRGIL. *Georgics*: volume II — books 3-4. Edited by Richard F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1988 [1997].

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2021.

VIRGÍLIO. *Geórgicas*. Trad. Gabriel A. F. Silva. Lisboa: Cotovia, 2019.

Sobre o autor

Matheus Trevizam

Mestre e Doutor em Linguística (área de Estudos Clássicos-Latim) pelo IEL-Unicamp (2006). Professor titular de Língua e Literatura latina na Faculdade de Letras da UFMG (Belo Horizonte/Brasil), onde atua na graduação e pós-graduação (Pós-Lit). Tem publicado artigos, livros e traduções integrais de obras na área da Antiguidade Clássica latina.

Recebido: 21/02/2024
Aprovado: 09/04/2024

Received: 21/02/2024
Approved: 09/04/2024